

**NOTA SOBRE ALGUNS HEPTASSÍLABOS
DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO EM QUADERNA**

Rafael Huguenin (UFF e PUC-Rio)
rafahuguenin@gmail.com e rafahuguenin@hotmail.com

RESUMO

O esclarecimento não apenas das normas por que se regem os encontros intra e intervocabulares, mas, sobretudo das alternativas de que os poetas dispunham para resolver estes encontros é fundamental para a compreensão da evolução da versificação portuguesa. No presente texto, portanto, analisaremos o tratamento dispensado por João Cabral de Melo Neto aos encontros vocálicos intra e intervocabulares em alguns versos heptassilábicos no livro *Quaderna*.

Palavras-chave: versificação, fonética, João Cabral de Melo Neto

I

No presente texto apresentaremos brevemente os resultados preliminares de nossa pesquisa acerca de alguns aspectos da poética⁵ de João Cabral de Melo Neto, em especial o tratamento dispensado aos encontros vocálicos intra e intervocabulares nos poemas *Cemitério Alagoano (Trapiche da Barra)*, *Cemitério Pernambucano (Floresta do Navio)* e *Cemitério Pernambucano (Custódia)*, reunidos no livro *Quaderna*, perfazendo um total de 48 versos heptassilábicos.

A justificação para um tão minguado número de versos é simples: como se trata de um trabalho experimental, que consiste basicamente em identificar e classificar certos tipos de ocorrências (hiato ou ditongação) em um determinado número de casos (elocução sonora dos versos), julgamos necessário testar, digamos assim, nosso método de experimentação com um número de casos menor. Como o que vale para a parte geralmente também vale para o todo, se nossa rotina de classificação funcionar – isto é, se ela for capaz de fornecer dados que possibilitem a formulação de uma hipótese – em um número menor de instâncias, então podemos aplicá-la ao restante dos casos.

⁵ Por poética entendemos simplesmente o sentido etimológico do termo 'poietiké', isto é, técnica ou arte da poesia

O que segue, portanto, deve ser tomado como resultado preliminar de uma primeira aproximação a um novo campo de estudo. Sendo assim, limitamo-nos tão somente identificar e explorar interpretativamente certos fenômenos relativos à metrficação, tentando identificar, na medida do possível, como João Cabral utiliza-se da versificação da língua portuguesa, com ênfase especial no tratamento dispensado aos encontros vocálicos intra e intervocabulares⁶.

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, faz-se necessário justificar a escolha de *Quaderna*. Publicado em Lisboa, no ano de 1960, o volume reúne produções do período de 1956 a 1959. *Morte e Vida Severina*, livro imediatamente anterior, foi publicado em 1955, no volume *Dois Águas*, que reúne todos os livros anteriores do poeta, divididos, quanto à natureza da comunicação, em “duas águas”, isto é, poemas para serem lidos em voz alta e poemas para serem pensados⁷. Se levarmos em conta a evolução da poética cabralina a partir de 1960 – conta-se que o poeta chegou a rejeitar *Morte e Vida Severina* pelo apelo sentimental, de que a obra era repleta, e por uma falta de tratamento poético sistemático, que resulta em um menor grau de construção – vemos que o livro em questão, *Quaderna*, é uma espécie de divisor de águas. Ali já se encontra traçada, de modo geral, a linha poética que culminará em *Educação pela Pedra* e nas obras posteriores. Diante disso, está justificada nossa escolha por *Quaderna*, livro de inegável importância para compreensão do desenvolvimento da obra de João Cabral de Melo Neto⁸.

⁶ Segundo Celso Cunha “entre os múltiplos problemas que encerra a versificação portuguesa, através de quase oito séculos de sua história, assume particular importância o do esclarecimento minucioso não só das normas por que se regeram (...) os encontros intra e intervocabulares, mas, principalmente, das possibilidades de escolha que os poetas encontraram, na língua do tempo, para resolver tais concorrências vocálicas” (Cunha, 1963, p. 29)

⁷ É sob o ponto de vista da comunicação que a diferença entre as duas águas pode ser estabelecida. Quando mais construída a poesia, mais dependente se torna do texto escrito, solicitando leitura silenciosa. Quanto menor o grau de construção, maior a comunicação coletiva e difusão (Nunes, 1971, p. 74).

⁸ Outra etapa deste trabalho consistirá em realizar o mesmo tipo de análise em *Morte e Vida Severina*, para melhor detectar a diferença entre ambos.

II

Consideramos, no âmbito de nossa análise, a ocorrência de encontros vocabulares em que a primeira vogal é oral ou nasal (com o, com a), que na própria língua falada se resolve em ditongo⁹. Como também interessa-nos averiguar a hipótese de que João Cabral, ao unificar em uma única elocução os encontros vocálicos em que a prepositiva é tônica, dá continuidade a certa linha evolutiva do verso português que caminha para a elisão ou ditongação sistemática das prepositivas de encontros vocálicos, consideraremos também os encontros deste tipo¹⁰.

Passemos aos resultados de nossa análise. Ao longo dos 48 versos, identificamos 43 encontros vocálicos intra e intervocabulares. Na maioria quase que absoluta dos casos, João Cabral optou por resolver estes encontros em uma única elocução. Em apenas duas ocorrências, que serão discutidas adiante, há hiatização.

Se considerarmos, no que tange ao tratamento destes encontros, que a tradição clássica sempre procurou evitar os hiatos, considerando-os como defeito grave no verso, por torná-lo frouxo, então temos que admitir, pelo menos no âmbito do minguado número de versos que analisamos e em vista das características que tentamos identificar, que João Cabral de Melo Neto está inserido em uma linha que podemos chamar de clássica.

Esta filiação clássica, expressa, entre outros aspectos, no tom impessoal de sua linguagem, na modalidade de pensamento não fundado no individualismo subjetivo, na tendência aos valores comuni-

⁹ Caso em que ocorre ecliptse, fusão vocálica em ditongo ou crase, diante da ressonância nasal da primeira vogal (Cunha, 1985, p. 653).

¹⁰ O padrão sempre foi resolver em hiatos de uma vogal tônica antes de uma átona: “quando tônica, a regra geral, de todos os tempos, é o hiato com a vogal subsequente, seja esta tônica ou átona” (Cunha, 1963, p. 33). Celso Cunha, ao realizar uma comparação entre o tratamento dispensado aos encontros intervocabulares nas églogas de Bernardim Ribeiro e no Crisfal, conclui que a evolução do verso português caminha para a ditongação ou elisão sistemática das prepositivas de encontros intervocabulares. Interessa-nos, portanto, averiguar a hipótese de que João Cabral, ao unificar em uma única elocução os encontros vocálicos em que a prepositiva é tônica, dá continuidade a certa linha evolutiva.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tários e coletivos e, fundamentalmente, no compromisso com a comunicação, é fato bem marcado pelos críticos (Cf. Nunes, 1971, p. 18-19). Interessa-nos mais propriamente detectar na aplicação sistemática de recursos como a sinalefa, a elisão e a crase, como esta filiação se manifesta na matéria mesma do poema, isto é, como se manifesta nas palavras.

Tomemos, por exemplo, o verso
É o cemitério. E esse estuque

Aqui vemos como o poeta, ao empreender uma escolha de vocábulos que, começando e terminando por vogais, são passíveis de sofrer elisão, crase e sinalefa, consegue obter condensação de sentido com poucas elocuições sonoras, já que condensa dez sílabas gramaticais em apenas sete sílabas poéticas. Impossível não remeter aqui à célebre fórmula poundiana, segundo a qual DICHTEN = CONDENSARE (Poesia = condensação). Talvez essa seja uma apropriação indevida da proposição do Pound, já que não fica muito claro, a partir de seus escritos, se esta condensação que ele falava dizia respeito exclusivamente a fenômenos fonéticos. De qualquer forma, vemos como o poeta é impecável no tratamento dos encontros vocálicos, seguindo à risca o preceito clássico de abolir os hiatos.

Este mesmo verso, ao lado de outros que transcrevemos abaixo, revelam outros fatos interessantes.

se vê uma Constantinopla (18)
É o cemitério. E esse estuque (21)
ao sol daqui, as covas logo (37)
que dá o carvão vegetal (44)¹¹

Em todos eles encontramos tônicas mais átonas pronunciadas em uma única elocução. Não ousaremos aqui, temerariamente, hipóteses a partir destas ocorrências sem empreender antes um estudo mais consistente de fonética sintática. Provavelmente os casos acima pressupõem atonificação relativa da vogal forte, ou absorção por ela da vogal seguinte, quando átona (Cf. Cunha, 1963, p. 33). De qualquer forma, levando em consideração que o poeta poderia resolver de outra forma estes encontros, a saber, optando pelo hiato, ou, sim-

¹¹ Estabelecido nosso 'corpus', ainda que 'minusculus', a numeração dos versos segue a ordem em que aparecem na edição que consultamos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

plesmente, fazendo outros versos, vemos aqui novamente reforçada a filiação clássica do verso cabralino.

Antes de concluir, seria oportuno destacar outros casos interessantes:

e para curá-los da pouca (13)
que de viver ainda lhes resta (14)
esdrúxula, na folha plana (29)

No verso 13 não há nada de especial, apenas a síncope, não marcada graficamente, do 'a' em 'para', que deve ser pronunciado como 'pra', de modo que o verso seja um redondilho maior. Este tipo de síncope é relativamente comum, sobretudo nos Românticos. O fenômeno no segundo exemplo, verso 14, já não é tão comum, de modo que sucinta alguma ambigüidade de leitura. Nossa opção para lê-lo como um heptassílabo, resolve também suprimir as vogais constitutivas do vocábulo 'que', o que nos dá, novamente, uma síncope. O princípio do verso deve ser lido como uma única sílaba: q'de. No último exemplo, a leitura heptassilábica deve suprimir a primeira vogal da palavra esdrúxula, o que nos dá uma aférese. A palavra deve ser lida como 'sdrúxula.

III

Em resumo, nossa pequena incursão ao longo destes 48 versos levou-nos à conclusão de que João Cabral de Melo Neto, ao praticar o verso marmóreo, teso e tenso, condensado em unidade de pedra, insere-se na linhagem dos grandes poetas clássicos, isto é, aqueles poetas que, pelo fôlego e pelo pulso fero, permanecerão para sempre vivos, afinal, como diria Drummond

Que se dissipou, não era
poesia.
Que se partiu, cristal não era.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO, Dámaso. *Poesia espanhola*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.
- CUNHA, Celso. *Língua e verso*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.
- et CINTRA, Lindley. Noções de versificação. In: *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 650-692.
- NETO, João Cabral de Melo. *Serial e antes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. *Ritmo e poesia*. Rio de Janeiro: Simões, s/d.
- POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- SILVEIRA, Sousa da. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.
- SPINA, Segismundo. *Manual de versificação românica medieval*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971.